

O Povoado Proto-histórico do Pico Alto (Silves)

Nuno Ribeiro e Anabela Joaquinito**

Resumo:

O sítio do Pico Alto, situa-se numa pequena serra na, freguesia de São Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, distrito de Faro. Foi o local escolhido pela empresa EDP (Portugal), para a implantação de um parque eólico. Próximo da área estudada existia apenas uma referência a uma mina antiga de cobre por Estácio da Veiga em 1887. Durante os trabalhos de prospecção arqueológica realizados no decorrer do ano de 2006, foram recolhidos alguns materiais arqueológicos de superfície no interior de uma área amuralhada, e sendo também identificado um possível monumento funerário de forma “barquiforme”, do tipo “naveta”. A sondagem realizada parece indicar uma ocupação de tipo povoado que teria como principal actividade a pastorícia, alguma agricultura e possivelmente a exploração mineira, dado os vestígios já detectados na área desde o séc. XIX.

Abstract:

The site of Pico Alto is located in a small mountain, parish of São Bartolomeu de Messines, Silves, in the Faro district. The local was chosen by the EDP (Portugal), company for the implementation of a wind farm. Near the study area there was only a reference to an old copper mine by Estacio da Veiga in 1887. During the archaeological prospecting work performed during the year 2006, some archaeological materials were collected from surface within a walled area, and also being identified a possible funerary monument boat-shaped. The archaeological survey conducted seems to indicate a kind of settlement occupation that had as principal activity the pastoralism, some agriculture and possibly some mining, data traces have been detected in the area since the XIXth century.

* APIA, Universidade de Salamanca

INTRODUÇÃO

O sítio do Pico Alto, situa-se na freguesia de São Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, distrito de Faro, foi o local escolhido pela EDP para a implantação de um parque eólico (Fig. 1).

Situado no Barrocal Algarvio, inserido na área de influência do rio Arade, muito próximo da serra do Caldeirão, constituído por duas áreas distintas; as zonas de cota mais reduzida, propícias a actividades agrícolas, onde abundam árvores como a Oliveira, a Alfarrobeira, a Amendoeira e várias espécies endógenas de pequenos arbustos. Nas zonas de cota mais elevada é praticada com alguma intensidade a pastorícia, os solos estão bastante erodidos devido à sua exposição a norte e às actividades agrícolas. O Pico Alto tem uma altitude máxima de 292 m, o que permite um excelente domínio visual, não só para as elevações circundantes, mas inclusive para um dos montes mais distantes situados a norte. O solo é constituído por calcário muito fragmentado, as camadas superficiais são compostas por uma fina camada vegetal.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO POVOADO

O mapa (Fig. 2) apresenta a localização do povoado em relação aos locais de mineração, necrópoles e a feitoria fenício-púnica da Rocha Branca. Perto do povoado existe a referência a uma mina por Estácio da Veiga, uma mina de cobre denominada Pico Alto ou Picalto, que se situava a cerca de 3 km do povoado aqui referido. Estácio da Veiga recolheu escórias perto do monte do Pomar e refere ainda que viu e cito “cortas de explorações remotas”, de onde surgiram artefactos de cobre. Outras minas foram identificadas, a mais importante mina

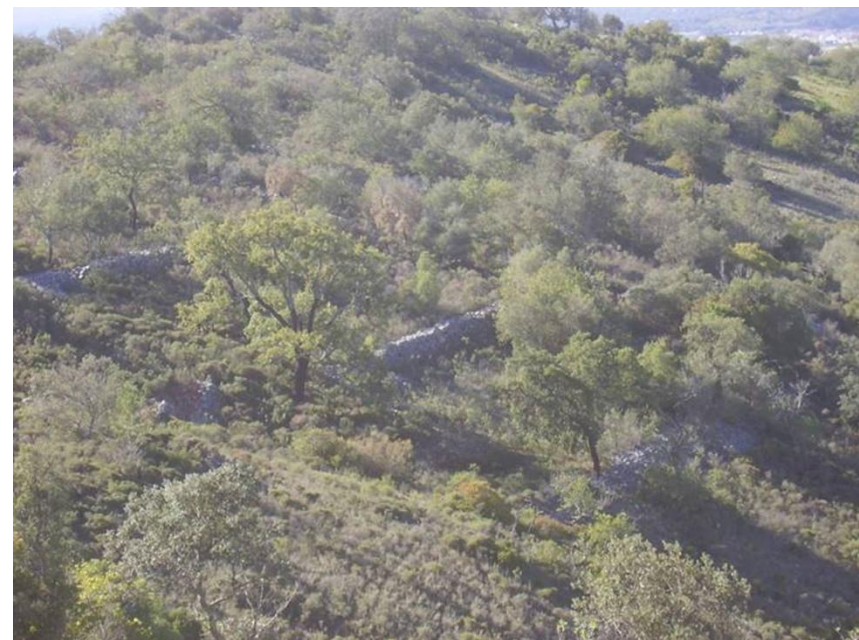


Fig. 1.— Vista geral do povoado

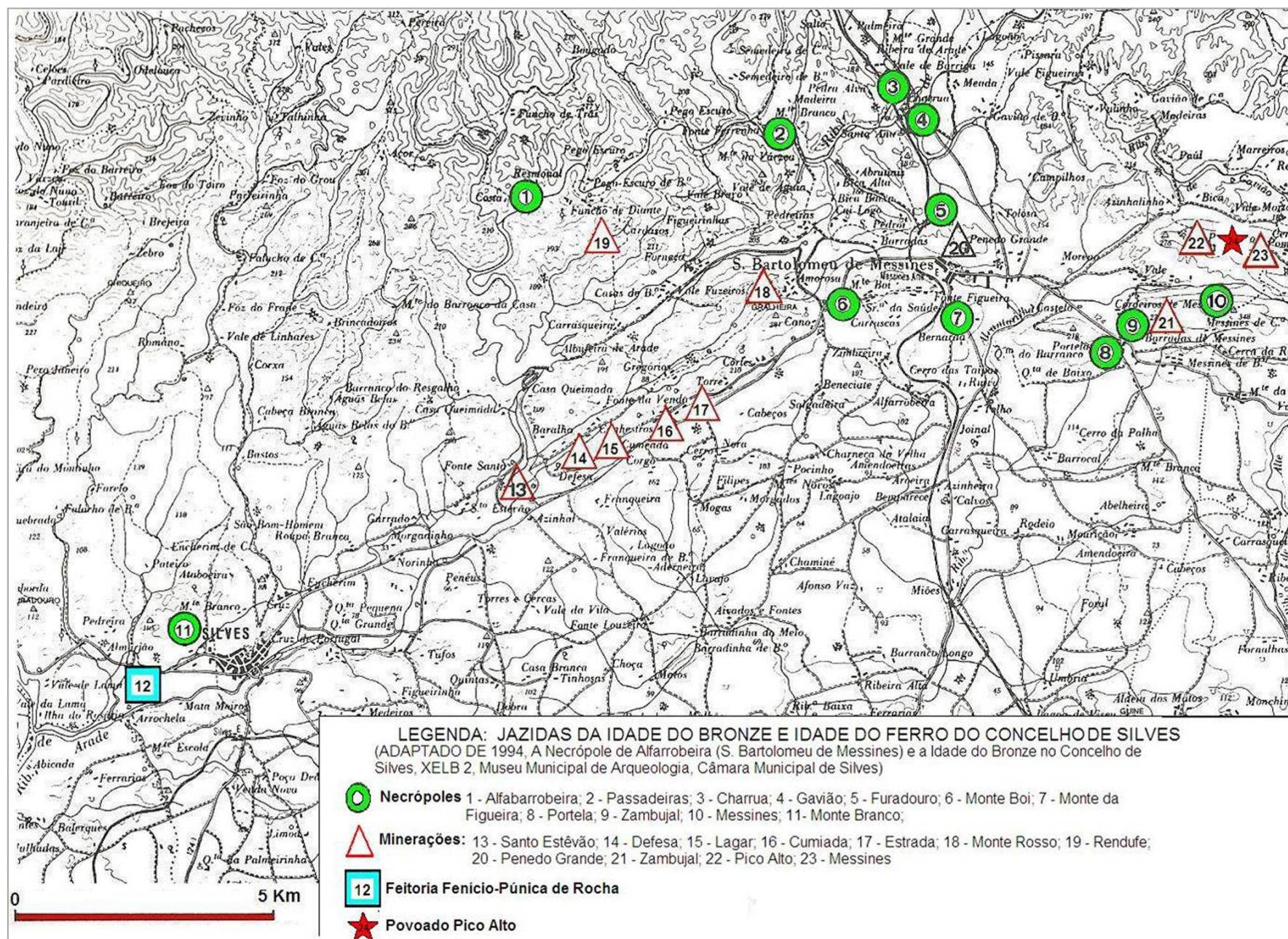


Fig. 2. — Mapa com a localização do povoado do Pico Alto e sítios arqueológicos adjacentes

do concelho, a mina de Santo Estêvão, que segundo Estácio da Veiga, teria sido explorada desde o Calcolítico. E da qual provieram lucernas, dois martelos e uma tenaz de ferro que considerou romanos e percutores de diorite com marcas de encabamento que considerou da Idade do Cobre ou Bronze. A mineração de cobre e ferro foram também identificadas nas minas da Estrada, do Lagar, da Defesa e da Cumiada.

E neste contexto, várias necrópoles da Idade do Bronze foram identificadas, a necrópole do Cerro da Fonte da Figueira, a cerca de 800 m da freguesia de S. Bartolomeu de Messines, as necrópoles do Monte do Boi e do Serro da Portela, que se localizavam na estrada para Silves, o sítio do Zambujal, a cerca de 1 km de Messines e a necrópole da Alfarrobeira, estudada pelo Prof. Mário Varela Gomes.

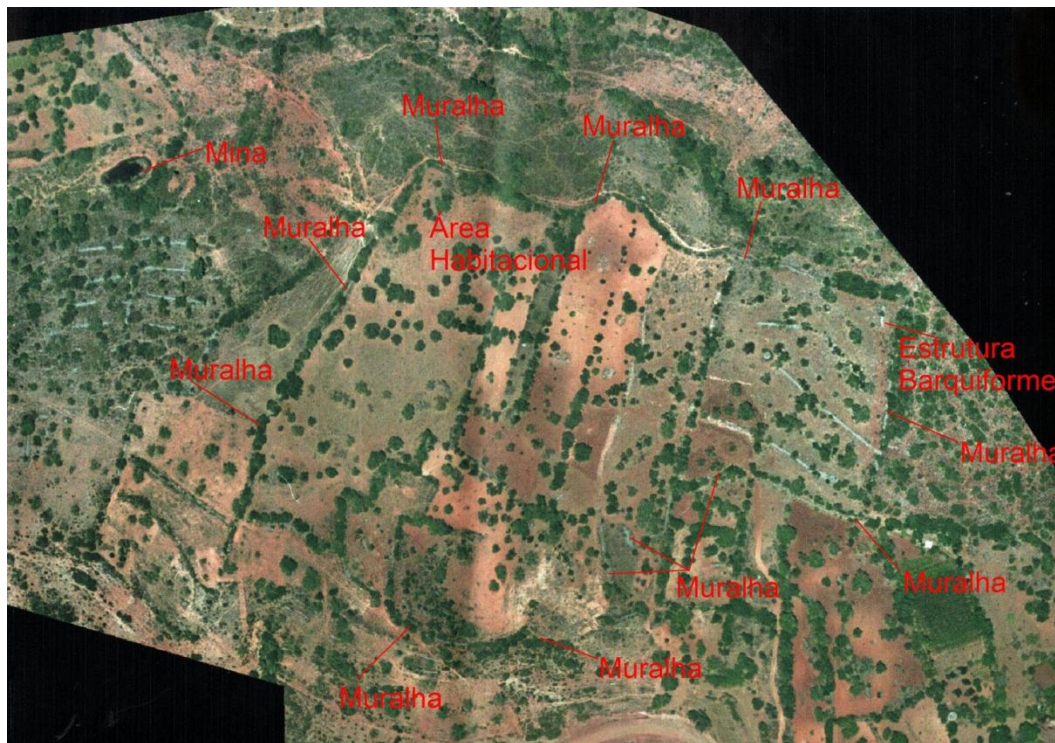


Fig. 3. — Planta do povoado com a localização de estruturas

Durante os trabalhos de prospecção arqueológica realizados no decorrer do ano de 2006, foram recolhidos alguns materiais arqueológicos de superfície de várias épocas, sendo identificado um possível monumento funerário do tipo “barquiforme”, e outros monumentos indeterminados nas proximidades da área do projecto (Fig. 3). Perante estas ocorrências arqueológicas foi delineado um conjunto de medidas de minimização, que incluíam numa primeira fase a realização de sondagens de diagnóstico numa área com cerca de 40 m², distribuídos por toda a área de implantação do parque, em zonas que seriam afectadas de forma directa pelo empreendimento.

Os trabalhos consistiram na realização de oito sondagens de diagnóstico (Fig. 4), distribuídas por todas as áreas de afectação directa do Parque Eólico. Incidindo nos pontos de implantação das torres aerogeradoras e nos acessos às mesmas, assim como nas áreas de maior sensibilidade definidas aquando dos trabalhos de prospecção, que levaram à identificação de vários testemunhos nesta área.

Em todas as sondagens, à excepção da sondagem I, verificou-se o aparecimento do *bedrock* a uma profundidade máxima de 60 cm. A escavação nesta sondagem terminou aos 130 cm de profundidade após o aparecimento do *bedrock*.

2. ESTRATIGRAFIA DA SONDAGEM I

Esta sondagem situa-se na cota mais elevada de todo o serro do Pico Alto, num pequeno patamar quase plano com excelente domínio visual a Norte e a Sul.

A sondagem foi iniciada a 8 de Janeiro de 2007, tendo sido escavados onze níveis artificiais pelos quais se distribuem cinco camadas arqueológicas sem grandes diferenças entre si. Todas as camadas eram compostas por uma terra muito argilosa e bastante compacta, com alguns elementos vegetais, as tonalidades variavam entre o castanho negro e o castanho amarelado nas camadas mais profundas, devido à proximidade do *bedrock*. A única excepção é a camada

Planta das Sondagens do Sítio do Pico Alto

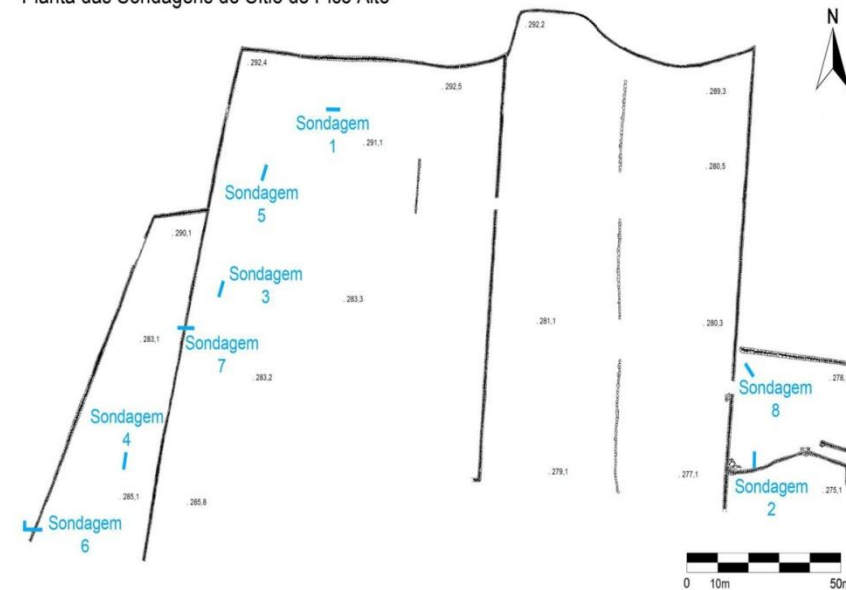


Fig. 4.— Planta das sondagens realizadas no Pico Alto

Corte Transversal Sondagem I

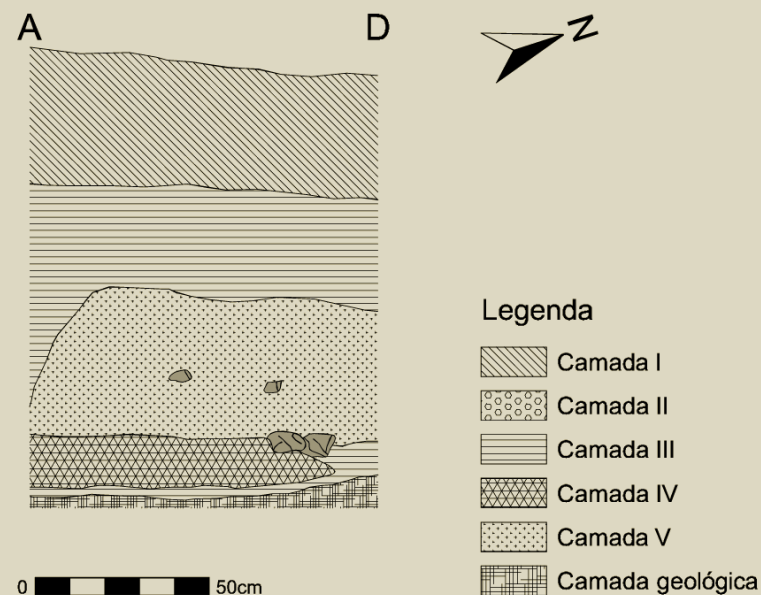


Fig. 5.— Desenho do corte estratigráfico

arqueológica onde foi detectada a bolsa de intrusão, que era composta também por uma terra bastante argilosa de cor castanha amarelada, com pedras de calcário de pequenas dimensões, esta bolsa de intrusão provocou uma divisão na camada II. A estratigrafia definida deu origem a 5 camadas arqueológicas (Figs. 5 e 6):

1. Camada arqueológica I – apresentava um tom castanho-escuro, textura compacta e com uma densidade reduzida de materiais arqueológicos.
2. Camada arqueológica II – No final da camada registou-se a presença de uma estrutura de pedra parcialmente destruída.

3. Camada arqueológica III – É formada por um sedimento castanho argiloso, a qual se distingue por uma densidade média de pedras de pequena e média dimensão e de uma densidade elevada de fragmentos de cerâmica. Corresponde aos níveis estratigráficos entre os 33 e os 120 cm, é a camada mais significativa porque corresponde ao interior de uma estrutura. Apresenta afectação, pelo remeximento a que foi sujeita, proveniente da camada II.

4. Camada arqueológica IV – A camada é composta somente por carvões e cinzas provenientes da estrutura de combustão, que descreveremos adiante. A estrutura concentra-se na quadrícula B Sul e na quadrícula A Este, e se estende até à quadrícula C Sul.

5. Camada arqueológica V – A camada é composta por sedimento de cor amarelo escuro com uma densidade elevada de fragmentos de calcário de reduzidas dimensões. O sedimento é mais compacto do que o existente nas camadas acima referidas. Esta é a camada que antecede o estrato geológico (*bedrock*).

Nesta sondagem foi detectada uma ocupação humana com orientação Sul - Norte, que foi interceptada pela própria sondagem que se orientava Oeste – Este. Esta ocupação assenta numa área escavada no *bedrock*, com uma configuração em fossa.

3. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NA SONDAGEM I

A evolução dos trabalhos possibilitou a identificação de duas fases distintas de ocupação da área; por um lado os níveis que correspondem directamente à ocupação do local, por outro, os níveis que correspondem à destruição do local, esta separação são possíveis, quando observada a deposição dos materiais, que foram separados pela bolsa de intrusão. Esta bolsa provocou uma dispersão dos



Fig. 6. — Foto do corte estratigráfico

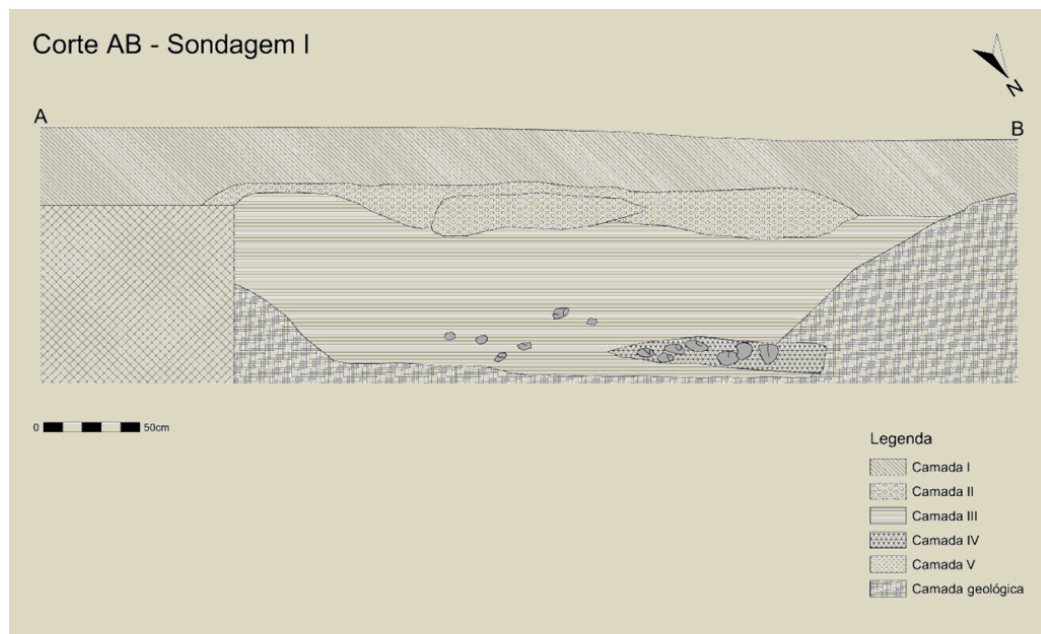


Fig. 7.— Desenho e foto do corte estratigráfico

materiais arqueológicos por cotas diferentes, assim como a destruição da estrutura pétrea que se localiza entre as quadriculas B e D (Fig. 7).

Com o avançar dos trabalhos foram registados todos os planos, nos quais se encontravam vestígios da destruição dessa estrutura. A sua localização situava-se entre as quadriculas B, C e D e nas quadriculas A e E foi detectado o afloramento geológico, no qual assentava toda a ocupação, em cotas bastante elevadas, entre 80 cm a 1 m.

Nas quadriculas B, C e D foi exumado 90% do material arqueológico da sondagem, correspondendo á área dos vestígios das estruturas correspondentes a um habitat e uma estrutura de combustão (Fig. 8).

Estrutura de habitat

A sondagem I interceptou parte de uma “cabana” de planta oval, cuja base se encontra escavada no substrato geológico (*bedrock*), com paralelos com cabana ovaladas identificadas nos sítios proto-históricos de Castro dos Ratinhos (Berrocal-Rangel 2007) e de Neves II (Mataloto 2004).

A área de habitat inclui uma estrutura pétrea, um provável muro que seria usado como protecção ou divisão da cabana. A estrutura de pedra encontrava-se parcialmente destruída, resultante da intrusão produzida a partir da camada arqueológica II, existindo apenas uma parte bem preservada na quadricula B, junto á estrutura de combustão.

Através destas informações podemos concluir que possivelmente estamos perante um Habitat da Idade do Bronze Final, que foi violado e parcialmente destruído noutra época, provavelmente na Iª Idade do Ferro. Estes danos são testemunhados pela bolsa de intrusão. As causas desta destruição são impossíveis de determinar apenas com os dados provenientes da área actualmente escavada.



Fig. 8.— Vista geral da área sondada

A estrutura de habitat pode ser definida por duas camadas arqueológicas, a camada 3, onde estão inseridos 40% dos fragmentos de cerâmica, e a camada 4, constituída pelos carvões provenientes da lareira (Fig. 9).

Estrutura de combustão/lareira

A estrutura de combustão presente na sondagem I pertence ao tipo “covacho”, uma depressão escavada no extracto geológico de planta circular. A lareira situava-se junto ao corte estratigráfico oeste, e correspondente à camada IV, e numa extremidade exterior da estrutura de habitat, também escavada no extracto geológico. A camada é formada quase exclusivamente por carvão e cinzas, com a excepção de cinco fragmentos de cerâmica, três dos quais produzidos em atmosfera oxidante e dois em atmosfera redutora.

4. ANÁLISE DA CERÂMICA (SONDAGEM I)

Os 105 fragmentos de cerâmicas provenientes da sondagem I do Pico Alto são em geral de pequenas e médias dimensões, sendo por isso difícil a sua identificação morfológica. Existem apenas quatro fragmentos de bordo, cinco fragmentos de base e cerca de 1/3 da totalidade de uma cerâmica, de tipo alguidar (Fig. 10). Apenas é possível, por isso, estabelecer, quanto à sua morfologia, que pertencem ao corpo de uma peça e que apresentam na sua quase totalidade um perfil recto/vertical. Os fragmentos de cerâmica pertencem na sua quase totalidade à parede, 91,4%. Os restantes fragmentos, que representam 8,6% pertencem a bordos e fundos.

Os bordos têm uma única morfologia; o bordo extrovertido com lábio de perfil semi-circular, a diferença reside no processo de cozedura, com número igual de bordos produzidos em atmosfera redutora e em atmosfera oxidante.

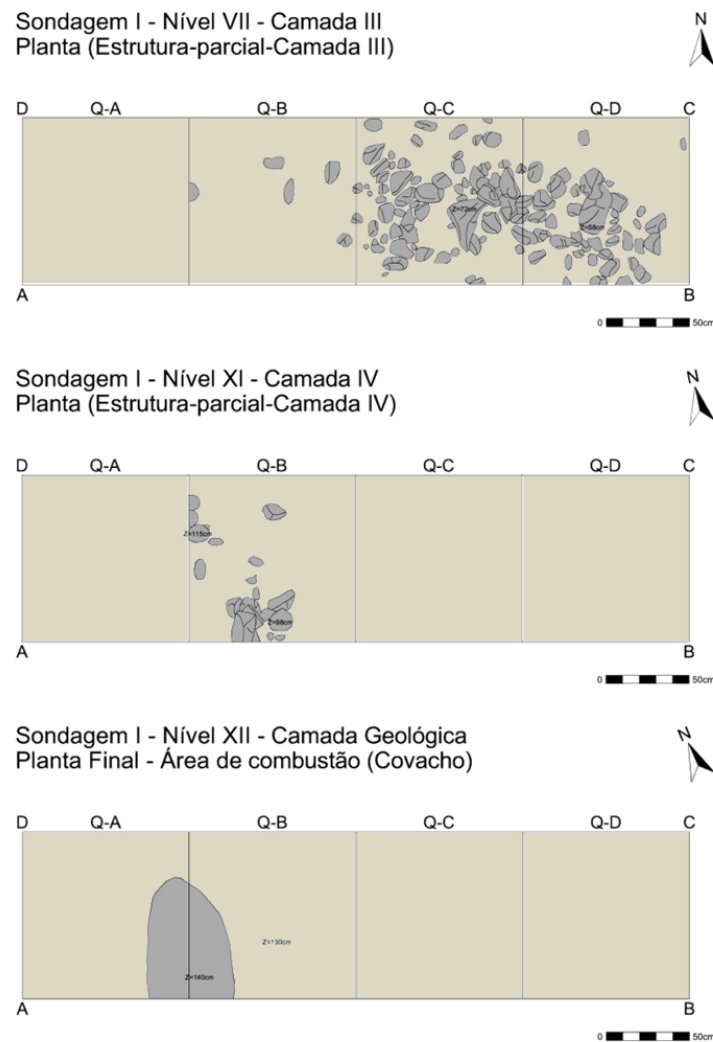


Fig. 9.— Desenhos dos levantamentos das estruturas

Os fundos são exclusivamente de base plana. A morfologia do corpo das peças é de difícil identificação, definiu-se peças com formas abertas, como do tipo alguidar, de configuração cónica, e peças com formas fechadas, potes e cerâmicas com corpo de configuração tronco-cónica.

As tecnologias de fabrico detectadas são manual e a torno e apresentam valores percentuais diferentes nas 5 camadas arqueológicas. A quase totalidade da cerâmica é de fabrico manual, 87,6%, sendo os restantes 12,4% correspondentes a 13 fragmentos de cerâmica torneada. A cerâmica torneada apresenta os dois tipos de cozedura, oxidante e redutora, com idênticos valores percentuais, com a cerâmica de cozedura em atmosfera redutora a possuir apenas mais um fragmento.

A distribuição pelas camadas arqueológicas é limitada, somente existe a presença de cerâmica nas camadas I, III e IV. Se a cerâmica torneada na camada I inclui fragmentos de cronologia mais recente (medieval e moderna), na camada III e IV a cerâmica é quase exclusivamente redutora produzindo uma pasta negra com elementos não plásticos finos e o alisamento como tratamento final. Este tratamento no exterior e interior das superfícies é comum nas peças produzidas em torno, produzida com o auxílio da acção do torno, com o objectivo de produzir superfícies lisas e homogéneas.

Foram identificados três grupos diferentes de cerâmicas manuais:

1. As cerâmicas cozidas em atmosfera oxidante deram origem a pastas das cores: castanha, vermelha e laranja. A pasta é de má qualidade, frágil e com desengorçantes não plásticos com dimensões finas e médias, formados por uma densidade média de quartzo e mica. Apenas dois fragmentos apresentam um tratamento final além do alisamento, constituído por um polimento nas paredes exteriores dos fragmentos.

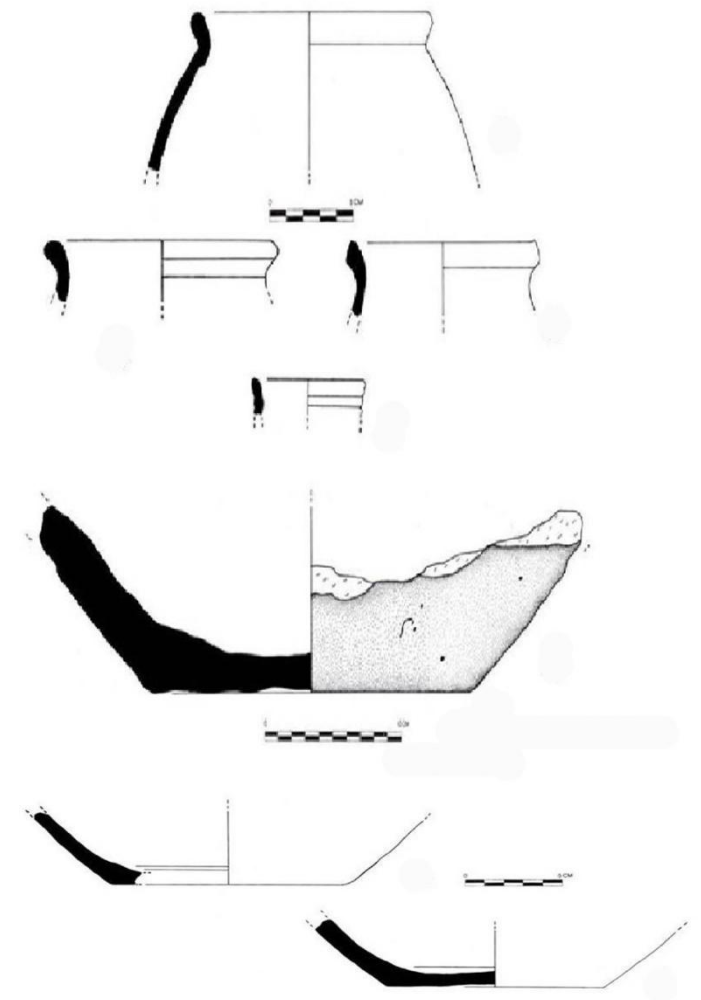


Fig. 10. — Desenho de reconstituição das cerâmicas

2. A cerâmica cozida em atmosfera redutora, produzindo pasta negra. Este tipo de cerâmica possui duas variantes: 1) fragmentos com uma espessura entre os 9 e 11 mm, e com desengordurantes de espessura média formados por quartzo leitoso e hialino e 2) fragmentos com uma espessura média de 5 mm, com uma pasta mais cuidada, onde os desengordurantes estão presentes numa menor densidade e visibilidade.

3. A cerâmica cozida em atmosfera alternante, a pasta apresenta zonas de cozedura por forno oxidante e redutor, resultando em pastas nos tons laranja/castanha e laranja/negra.

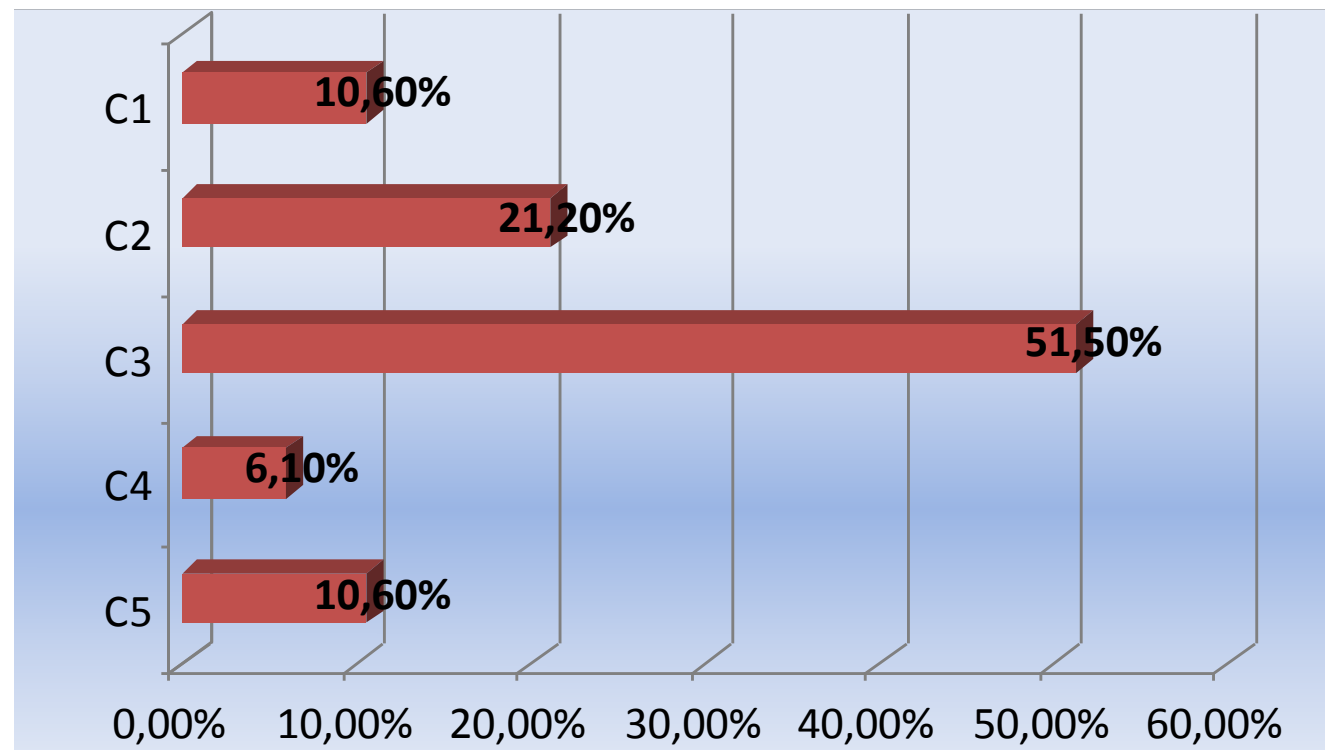


Fig. 11. — Histograma da distribuição da cerâmica nas camadas arqueológicas

Quanto à distribuição das cerâmicas por camadas arqueológicas, verifica-se uma predominância das cerâmicas produzidas em atmosfera oxidante, com 59,9%, valor percentual obtido em parte pela presença exclusiva deste tipo de pasta na camada I, camada superficial de remeximento, onde se inclui cerâmicas de cronologia mais recente. Nas restantes camadas a cerâmica oxidante apresenta o valor percentual máximo na camada III, com 13,3%, e um valor mínimo de 2,9%, na camada IV.

A cerâmica cozida em forno redutor obtém o seu valor mais elevado na camada arqueológica III, com 26,7%, seguida de 8,6% na camada II e um valor percentual médio de cerca de 2,5% para as camadas IV e V.

A camada III com uma profundidade máxima de 85 cm, possui a maior densidade de fragmentos de cerâmica, 40% da totalidade dos fragmentos. Uma camada arqueológica que existe apenas no Corte A-B, que corresponde à área do interior do habitat (Fig. 11).

As cerâmicas obtidas através de uma atmosfera oxidante apresentam diferenças na coloração da pasta, na espessura dos elementos não plásticos e no tipo de tratamento final. Definiu-se dois tipos de cerâmica oxidante:

- a) Pasta em tons de laranja com desengordurantes de dimensões finas e um tratamento final que consiste no alisamento exterior ou em ambas as faces e sem aplicação de engobe.
- b) Pasta em tons de laranja ou castanha, com desengordurantes finos e médios e um tratamento final que consiste no alisamento, com aplicação de engobe nas cores: castanho, negro ou vermelho.

O acabamento final é sempre muito simples, composto por um alisamento exterior ou interior/exterior ou com uma das superfícies destruídas, não sendo possível determinar qual o tratamento final escolhido.

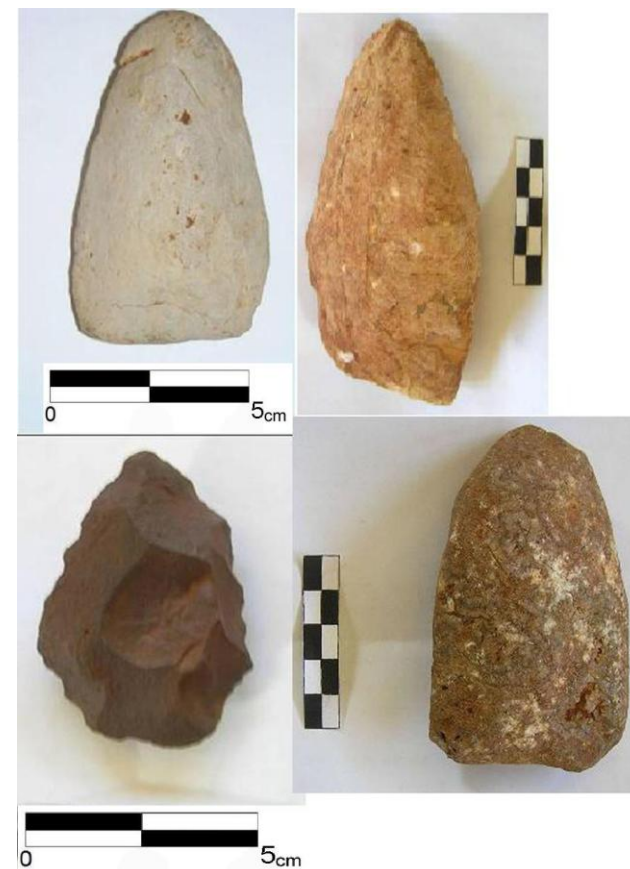


Fig. 12.— Machados de pedra polida e lasca em sílex provenientes da prospecção

5. OUTROS MATERIAIS E ACHADOS

Materiais provenientes da prospecção

Da recolha de superfície de indústria lítica, proveio machados de pedra polida e uma lasca em sílex, que poderá ser enquadrável nos finais da Idade do Bronze (Fig. 12).

Materiais de diferente nível tecnológico

Apenas quatro peças indicam um contacto com culturas mais desenvolvidas a nível tecnológico; um fragmento de uma telha possivelmente romana (*imbrex*), dois fragmentos de um pote de pasta de côr castanha muito escura, de boa qualidade, típico da Idade do Ferro e uma peça em metal de função indeterminada (Fig. 13).

Estruturas existentes no povoado

Alguns dos monumentos detectados incluem: uma possível estrutura de forma “barquiforme” (Fig. 14), duas estruturas circulares (Fig. 15) e restos de muralhas/ muros do tipo “sela” (Fig. 16), preenchidas com pedra moída e terra, bem compactada, aproveitando os próprios declives naturais do sítio, por exemplo a muralha que se situa junto da sondagem II.

6. NOTAS CONCLUSIVAS

Os resultados finais deste trabalho encontram-se limitados pela realização de apenas oito sondagens arqueológicas, das quais apenas na sondagem I, se detectou uma ocupação humana, passível de se apurar a sua cronologia através



Fig. 13.— Peça em metal de função indeterminada

da análise dos materiais arqueológicos retirados e dos dados resultantes da sua escavação.

Na sondagem I realizada no Pico Alto detectaram-se materiais arqueológicos, como artefactos de produção regional, o que não nos esclarece com exactidão várias questões, como a cronologia de fundação, abandono do sítio e sobre as possíveis relações do arqueosítio com outras regiões.

Perante os escassos dados retirados do estudo da cerâmica, os únicos artefactos existentes, verifica-se uma produção de carácter local, com uma tecnologia de fabrico maioritariamente manual e um contacto com estímulos exteriores.

Existe uma continuidade nas características tecnológicas da produção cerâmica na área da sondagem I do Pico Alto, ou seja, a pasta apresenta-se semelhante produzida de forma manual. A diferença reside no tipo de cozedura, redutora ou oxidante. Não se verifica uma verdadeira evolução interna, com o objectivo de obter pastas mais depuradas, o que se verifica são somente variações na espessura ou na densidade dos desengordurantes utilizados.

Na sua totalidade, a cerâmica identificada na sondagem I do arqueosítio do Pico Alto apresenta-se como um bem de uso quotidiano, tratando-se de uma cerâmica comum, sem decoração, na qual o acabamento final aplicado e a espessura da pasta, tem como objectivo primordial tornar a cerâmica mais resistente e duradoura. A standartização das pastas e dos engobes, indicia uma mesma origem das matérias-primas e a uniformização das técnicas. Uma cerâmica que era facilmente substituída, por essa razão abandonada no local do habitat.

O facto de cerca de 12,4% da cerâmica ser torneada, também é relevante, indica que a nível tecnológico havia um desejo de mudança, de evolução, sugerindo o início de uma produção organizada realizada por um oleiro em oposição a uma produção doméstica individual.



Fig. 14.— Estrutura de pedra de forma barquiforme



Fig. 15.— Estrutura circular

A reduzida área escavada na sondagem I, impede-nos contudo de perceber o modelo de ocupação do arqueosítio do Pico Alto. Somente podemos afirmar a presença de duas estruturas escavadas no substrato geológico, uma estrutura de habitat e uma lareira, e um espólio cerâmico constituído por 105 fragmentos de cerâmica sem decoração.

A sondagem I do Pico Alto parece indicar fazer parte de uma ocupação de tipo povoado que teria como principal actividade a pastorícia, alguma agricultura e possivelmente a exploração mineira, dado os vestígios já detectados na área desde o séc. XIX. Estes vestígios estender-se-ão certamente para Sul da área escavada. Este tipo de habitats poderá ter paralelos no povoamento rural típico do Final da Idade do Bronze/ 1ª Idade do Ferro, já estudado no Alentejo central (Coroa do Frade, Evoramonte) e no Baixo Alentejo (Outeiro do Circo) e associado a um contexto funerário bem definido no concelho com as várias necrópoles da Idade do Bronze que foram identificadas; como a necrópole da Fonte da Figueira, do Furadouro as necrópoles do Monte do Boi e do Serro da Portela e a necrópole da Alfarrobeira.



Fig. 16.— Muralha de tipo “sela”

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. (1966): *Las Estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Bibliotheca Praehistorica Hispana VIII. Madrid.
- ALMAGRO, M. (1966-67): “Sobre la interpretación de las figuras en forma de las estelas decoradas alentejanas de la Edad del Bronce” *Arquivo de Beja* XXIII-XXIV: 241- 260.
- ALMAGRO, M. (1974): “Nuevas estelas decoradas de la Península Ibérica”. *Miscelánea Arqueológica* XXV. *Aniversario de los cursos de Ampurias*. Barcelona: 5-39.
- ARRUDA, A.M. (2001): “A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 207-291.
- AZEVEDO, J.B.S. de (1864): *Relatório sobre a mina de cobre de Santo Estêvão, no concelho de Silves (Algarve)*. Lisboa.
- BARCELÓ, J.A. (1991): “El Bronce del Sudoeste y la cronologia de las estelas alentejanas”. *Arqueologia* 21: 15-24.
- BEIRÃO, C. de M. (1973): “Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no sul do País”. *Actas das III.ª Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 193-221.
- BEIRÃO, C. de M. (1986) : *Une Civilization Protohistorique du sud du Portugal (1^{er} Age du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C. de M. (1990): “Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos”. *Estudos Orientais*. 1: 107-118.
- BEIRÃO, C. de M., e GOMES, M.V. (1980): *A Idade do Ferro no Sul de Portugal-Epigrafia e Cultura*. Lisboa.
- BEIRÃO, C. de M. e GOMES, M.V. (1983): “A Necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)”. *O Arqueólogo Português, (série IV)* 1: 207-266.
- BEIRÃO, C. de M. e GOMES, M.V. (1986): “Testemunhos arqueológicos na área do Funcho-Alto Arade (Silves)”. *Actas do 4º congresso do Algarve*. Silves: 1231-1238.

- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA C.A. (2007): *O castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva/Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana 2004-2007*. O arqueólogo Português Suplemento nº 6. Lisboa.
- CARVALHO, J.S. e FERREIRA, O. da V. (1954): “Algumas Lavras auríferas romanas”. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro IX*: 20-46.
- CUNHA, A.S. (1986): “A Necrópole de Vinha Casão (Vilamuora, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular”. *Trabalhos de Arqueologia* 2: 99-120.
- DOMERGUE, C. (1987): *Catalogue des Mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Madrid.
- FEIO, M. (1949): *Les Bas Alentejo et l’Algarve, Congrès Internacional de Géographie*. Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. e VIANA, A. (1956): “L’importance du cuivre peninsulaire dans les Âges du Bronze”. *Actas del IV Congreso Interacional de Ciências Prehistóricas y Protohistóricas*: 521- 534. Zaragoza.
- FORMOSINHO, J., FERREIRA, O. da V. e VIANA, A. (1953-54): “Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia XIV*: 66-225.
- GOMES, M.E.H.H. (1958): “Monumentos arqueológicos inéditos do concelho de Silves”. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: 75-94.
- GOMES, M.V. (1984): “O menir dos Gregórios (Silves)”. *Revista de Guimarães* 93: 133-148.
- GOMES, M.V. (1990): “A Idade do Bronze no Concelho de Silves”. *Encontro de Arqueologia do Algarve*. Faro: 13-29.
- GOMES, M.V. (1991): “A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines, Silves): Notícia Preliminar”. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 15-30.
- GOMES, M.V. (1993): “O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves)”. *Estudos Orientais IV*: 73-107.
- GOMES, M.V. (1994): *A Necrópole de Alfarrobeira (Sao Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Xelb 2. Silves.
- GOMES, M.V., GOMES, R.V. e BEIRÃO, C. de M. (1986): “O Cerro da Rocha Branca (Silves) – Resultados preliminares de três campanhas de escavação”. *Actas do 4º Congresso do Algarve*. Silves: 77-83.

- MATALOTO, R. (2004): *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a. C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa.
- MARQUES, M.T. (coord.) (1992): *Carta Arqueológica de Portugal*. Lisboa.
- OLIVEIRA, F.X. de A. (1909): *Monografia de S. Bartolomeu de Messines*. Porto.
- OLIVEIRA, F.X. de A. (1912): *Monografia de Porches. Concelho de Lagoa*. Porto.
- ROCHA, A. dos S. (1904): “Materiais para o estudo da epocha do cobre em Portugal – As necrópoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartolomeu Dias”. *Boletim da Sociedade Arqueologica Santos Rocha* I: 56-63.
- SANTOS, M.L.E. da V.A. dos (1972): *Arqueologia Romana do Algarve*. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1889-91): *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vols. II e III. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1905): “Antiguidades Monumentaes do Algarve. Capítulo IV”. *O Arqueologo Português (série I)* X: 6-14, 107-118.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1908): “Estudos sobre a época do Bronze em Portugal”. *O Arqueologo Português (série I)* XIII: 300-313.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1918): “Pelo Sul de Portugal”. *O Arqueologo Português (série I)* XXIII: 104-138.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1919-20): “Hierologia Lusitanica”. *O Arqueologo Português (série I)* XXIV: 270-286.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1927): *De Terra em Terra*. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J.L. de (1929): “Estudos da epocha do bronze em Portugal”. *O Arqueologo Português (série I)* XXVIII: 201-203.
- VEIGA, S.P.M.E. da (1887): *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. II. Lisboa.